



CRESCENDO

Espiritualmente

O QUE SIGNIFICA ISSO?



Quando me coloco em frente a uma sala cheia de alunos ou converso individualmente com eles em meu escritório, o que posso esperar? O que posso desejar em termos de seu crescimento e desenvolvimento espiritual?

Vou direcionar essa resposta a três objetivos específicos, focalizados em Deus, nas pessoas e na comunidade, e vou sugerir três meios específicos para ajudar os professores a atingir essas metas: a Bíblia, os escritos de Ellen White e a cruz.

Os objetivos

1. Compromisso com um Deus pessoal

Enquanto os cristãos conservadores tendem a falar de espiritualidade em termos de um “relacionamento pessoal”, descobri que nem todos os meus alunos se relacionam bem com essa linguagem. E, se a expectativa deles de um “relacionamento” percebido pelos sentidos não se materializar, eles poderão facilmente concluir que Deus simplesmente não existe.

Ellen White oferece alguns conselhos úteis nessa área: “Não espereis sentir que estais curados”, ela declara, “mas dizei: creio-o; assim é, não porque eu o sinta, mas porque Deus o prometeu.”¹

C. S. Lewis aponta na mesma direção. Na teologia maravilhosamente invertida de seu livro *Cartas de um diabo a seu aprendiz*, onde o demônio-chefe, Screwtape, está ensinando seu principiante, Wormwood, a como afastar o “paciente” (um humano) para longe do “Inimigo” (Deus), Screwtape declara:

“Ele quer que eles aprendam a caminhar e então escolham segurar em Sua mão; e esse conduzir pela mão é fortemente aplicado nas situações em que eles estão lidando com seus tropeços. Mas não se deixe enganar, Wormwood! Nossa causa nunca estará mais ameaçada do que nas vezes em que

P O R A L D E N T H O M P S O N

um ser humano, mesmo não desejando pessoalmente alguma coisa, estiver fazendo a vontade do Inimigo, ainda mais quando ele estiver observando o universo em seu redor, sem conseguir ver o menor traço do Inimigo, perguntando-se por que Ele o teria abandonado assim, e mesmo assim obedecendo.”²

Mas, para que a imagem de um Deus pessoal, ainda que aparentemente ausente, seja convincente, precisamos munir nossos alunos com exemplos bíblicos. Especialmente para aqueles que não “sentem” a presença pessoal de Deus, o livro de Eclesiastes se revela um bom guia. O livro não registra nenhuma oração ou louvor. Eclesiastes 5:2 parece ser o lema do autor: “Não te precipites com a tua boca, nem o teu coração se apresse a pronunciar palavra alguma diante de Deus; porque Deus está nos céus, e tu, na terra; portanto, sejam poucas as tuas palavras.” Mas, no final, no capítulo 12:13, ele conclui: “Teme a Deus e guarda os seus mandamentos; porque isto é o dever de todo homem.”³

O Novo Testamento ressalta esse quadro com algumas perspectivas adicionais. Uma oração de petição presume a existência de um ouvido atento, um Deus que leva em conta nossas alegrias, tristezas e necessidades. No entanto, a declaração de Jesus de que nosso Pai sabe do que precisamos antes mesmo de pedirmos pode sugerir que tal oração seja redundante. Ainda assim Jesus ensinou seus discípulos a orar.⁴ Da mesma forma, Paulo declarou que deveríamos tornar nossos pedidos conhecidos diante de Deus “em tudo, pela oração e súplica com ações de graças”.⁵ E essa afirmação é prefaciada por sua exortação exuberante: “Alegrai-vos sempre no Senhor, e outra vez digo: Alegrai-vos!”⁶

Mas Marcos 15:34 diz que, na cruz, Jesus não estava se regozijando: “Meu Deus, meu Deus”, exclamou Ele, “por que me desamparaste?” Meus alunos muitas vezes ficam surpresos ao saber que Jesus não foi o primeiro a proferir essa oração. Ela surgiu originalmente de um ser humano angustiado, mas inspirado, e estava presente na Bíblia

de Jesus tanto quanto está na nossa.⁷

E essa não é a única queixa no livro dos Salmos. Quase metade dele se encaixa nessa descrição. Com sua rica mistura de petição, louvor e queixa, esse livro representa um recurso maravilhoso para ilustrar nossas diversas experiências. No início de minha própria caminhada com Deus, o comentário de Ellen White na introdução de *O grande conflito* me permitiu ver essa diversidade. Segundo ela, aqueles que escreveram as palavras das Escrituras não só “diferiam amplamente” em “posição e ocupação”, mas também em “dotes mentais e espirituais”.⁸

quantas vezes a melancolia sombria do Salmo 88 se eleva ao topo. O Salmo 22, aquele que Jesus citou na cruz, é o mais típico dos salmos de lamentação, caindo profundamente no desespero, mas abrindo-se à luz do sol no final. Isso não acontece com o Salmo 88, que se mantém mergulhado nas profundezas até o fim:

“Ando aflito e prestes a expirar desde moço; sob o peso dos teus terrores, estou desorientado. Por sobre mim passaram as tuas iras, os teus terrores deram cabo de mim. Eles me rodeiam como água, de contínuo; a um tempo me circundam. Para longe de mim



Cristãos devotos e conservadores não aceitam com facilidade o conceito de diversidade de experiência. Mas é possível combinar ilustrações das Escrituras e do trabalho de classe com uma citação-chave de Ellen White para esclarecer o assunto.

Uma das atividades favoritas que apresento a meus alunos ajuda-os a reconhecer essa diversidade em nossos dias. Depois de ler um conjunto de três salmos muito diferentes – Salmo 34 (louvor), 88 (desesperança) e 137 (vingança) –, eu peço a eles que se dividam em grupos pequenos para ver se conseguem chegar a um consenso sobre qual dos salmos foi o mais benéfico e qual deles o menos benéfico. Normalmente, o salmo de louvor ganha. No entanto, tanto meus alunos quanto eu ficamos surpresos ao ver

afastaste amigo e companheiro; os meus conhecidos são trevas.”⁹

Cristãos devotos e conservadores não aceitam com facilidade o conceito de diversidade de experiência. Mas é possível combinar ilustrações das Escrituras e do trabalho de classe com uma citação-chave de Ellen White para esclarecer o assunto.

Mas a outra parte do exercício também é importante. Após contabilizar as respostas do grupo, peço a cada aluno que fale de suas preferências pessoais. Uma classe, em particular, pareceu-me muito interessante. Enquanto cinco dos seis grupos optaram pelo salmo de louvor, nas escolhas in-

dividuais, 17 votaram no Salmo 34, mas 14 votaram no Salmo 88, um número bem próximo. Como eu disse aos meus alunos, em muitas igrejas as vozes de louvor são muitas vezes tão fortes que aqueles em desespero podem facilmente sentir-se oprimidos. No entanto, estas são precisamente as pessoas que Jesus veio ajudar, o ramo quebrado que ele não esmagará, a luz fraca que ele não apagará.¹⁰

Cristãos devotos e conservadores não aceitam com facilidade o conceito de diversidade de experiência. Mas é possível combinar ilustrações das Escrituras e do trabalho de classe com uma citação-chave de Ellen White para esclarecer o assunto. Na abertura do capítulo intitulado “Em contato com os outros”, do livro *A ciência do bom viver*, Ellen White afirma: “Nossa compreensão da verdade, nossas ideias em relação à conduta de vida não são idênticas sob todos os pontos de vista. Não há duas pessoas cuja experiência seja igual em cada particular.”¹¹

2. Aumento da sensibilidade para as necessidades das pessoas

Em Mateus 22:35-40, Jesus resumiu a Bíblia em dois grandes mandamentos: amar a Deus e amar as pessoas. Tudo se “estabelece” sobre esses dois mandamentos, disse Ele. É impressionante, no entanto, que quando o Novo Testamento funde esses dois mandamentos em um ele o faz a partir do segundo mandamento, não do primeiro. Temos essa perspectiva tanto a partir de Jesus quanto de Paulo. “Tudo”, disse Jesus, “quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles; porque esta é a Lei e os Profetas.”¹² Da mesma forma, Paulo declarou: “Porque toda a lei se cumpre em um só preceito, a saber: Amarás o teu próximo como a ti mesmo.”¹³

Jesus habilmente juntou os dois mandamentos na parábola das ovelhas e dos bodes. As ovelhas servem o Deus encarnado quando ajudam as pessoas. A decisão final no julgamento gira em torno de “um ponto”, escreveu Ellen White: “Quando as nações se reunirem



diante dEle, não haverá senão duas classes, e seu destino eterno será determinado pelo que houverem feito ou negligenciado fazer por Ele na pessoa dos pobres e sofredores.”¹⁴

A compreensão adventista de “espiritualidade” exige não só assistência à alma, mas também ao corpo. E nessa conexão sinto-me encorajado pelo número significativo de meus alunos que estão intrigados e inspirados com o trabalho da Agência Adventista de Desenvolvimento e Recursos Assistenciais (ADRA). Os evangélicos têm muitas vezes colocado o foco apenas na alma, enquanto os chamados protestantes tradicionais são muito tentados a ministrar apenas ao corpo. Eu quero que

meus alunos realizem as duas coisas. Sobre essa questão, Jesus não nos permite escolher apenas um dos lados.

3. Consciência da importância de uma comunidade

Nos Estados Unidos, o individualismo é tão forte que muitos dos meus alunos não admitem a importância da “comunidade”. Eles tendem a se concentrar em suas próprias necessidades pessoais e renovação sem considerar quão dependentes podem ser dos outros para ter uma boa saúde espiritual. É provável que o mantra popular “eu não sou religioso, mas sou muito espi-

ritual” seja parte da mesma filosofia. Livremente interpretadas, suspeito que essas palavras marquem a mudança de um racionalismo iluminista frio e uma ortodoxia rígida para uma experiência pessoal mais significativa.

Mas o Novo Testamento é claro com relação ao valor da comunidade. Jesus não só convocou um grupo de doze, Ele também ensinou que a *ecclesia* (igreja) seria central para a obra a ser realizada por Seus seguidores. O procedimento para a recuperação de um pecador, por exemplo, conforme descrito em Mateus 18:15-20, apela para o envolvimento da comunidade, a “igreja”.

Nas epístolas, a comunidade também desempenha um papel central no “corpo”, talvez sendo o modelo mais dominante. “Assim também nós, conquanto muitos, somos um só corpo em Cristo”, declara Paulo, “e membros uns dos outros.”¹⁵ Uma das passagens mais marcantes referente ao corpo nas epístolas é a de 1 Coríntios 3:16 e 17, que usa a imagem do “templo”. A versão Almeida Revista e Atualizada (ARA) captura esse ponto muito bem: “Não sabeis que sois o santuário de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém destruir o santuário de Deus, Deus o destruirá; porque o santuário de Deus, que sois vós, é sagrado.”¹⁶

Referindo-se ao poderoso impulso moderno que prefere o que é estritamente pessoal ao comunitário, Elton Trueblood cita Robert Fitch, à época diretor da *Pacific School of Religion*: “É claro que a religião deveria ser pessoal, mas se não for nada além de pessoal é algo novo na história. Nunca houve qualquer religião puramente pessoal em toda a história do mundo, com exceção de algumas místicas isoladas.”¹⁷

O poder de uma comunidade para transformar a sociedade é bem ilustrado na obra de William Wilberforce e por um grupo de cristãos comprometidos conhecidos como o Círculo Clapham (Clapham Circle), uma comunidade localizada nos arredores de Londres que era ativa por volta de 1790 a 1830. Wilberforce não apenas liderou a heroica campanha que promoveu o fim da escravidão no império

britânico, mas ele e seus companheiros claphamitas também lideraram um movimento de muitas frentes que buscou a “abolição de cada mal-menor social”, citando uma linha da biografia de Wilberforce escrita por Eric Metaxas.¹⁸ Em determinado momento, o próprio Wilberforce estava “oficialmente ligado a 69 grupos separados que eram dedicados à reforma social de um tipo ou de outro”.¹⁹

Trueblood capta a essência do ensino do Novo Testamento quando fala sobre “uma comunidade de pessoas conscientemente inadequadas que se

tual, vou me concentrar em três questões específicas que se relacionam com os três objetivos citados acima. Dois deles são autoridade no adventismo: a Bíblia e Ellen White. A terceira é a cruz, sem dúvida o mais poderoso dos símbolos do Novo Testamento.

1. A Bíblia

Na primavera de 2010, uma edição especial do jornal estudantil *The Collegian*, da Universidade Walla Walla, Washington, Estados Unidos, publicou uma perspectiva dos alunos sobre as “autoridades” em sua vida.²¹ Eu estava



Trueblood capta a essência do ensino do Novo Testamento quando fala sobre “uma comunidade de pessoas conscientemente inadequadas que se reúnem porque são fracas e se dispõem a servir porque essa unidade que mantêm entre si e com Cristo os torna ousados”.

reúnem porque são fracas e se dispõem a servir porque essa unidade que mantêm entre si e com Cristo os torna ousados.”²⁰

Em suma, o foco comunitário deve ser parte da visão adventista da espiritualidade, no entanto, pode ser impopular na atual cultura contemporânea. Comunidade é fundamental para a visão que Jesus tem sobre o que significa pertencer a Ele.

Questões específicas

Ao discutir o crescimento espiri-

particularmente interessado na resposta a esta pergunta da pesquisa: “Qual dos seguintes itens mantém alguma autoridade no que diz respeito ao que o sábado significa para você?” Escolhendo a partir de uma lista, os cerca de 330 entrevistados indicaram: experiência pessoal (91%), família (90%), Bíblia (80%) e Ellen White (22%). Vou comentar sobre a referência à Ellen White na próxima seção. Mas, primeiramente, quero focar no resultado relacionado à Bíblia nessa pesquisa.

Embora seja encorajador que os alunos tivessem dado notas relativa-

mente altas à Bíblia, a minha experiência ao longo dos anos sugere que eles têm dificuldade em aplicar os ensinamentos bíblicos a situações contemporâneas. As pesquisas que tenho feito em classe confirmam repetidamente que cerca de metade dos meus alunos, consciente ou inconscientemente, são da opinião de que, se Deus disse alguma coisa, isso realmente deve aplicar-se a todas as pessoas em todos os momentos e em todos os lugares. Então, quando entramos no trabalho de exegese, isto é, procuramos interpretar as passagens dentro de seu contexto original, já estamos sutilmente minando a autoridade bíblica para muitos de nossos alunos.

O que Ellen White quis dizer quando escreveu que “a Bíblia foi dada para fins práticos”?²² Como podemos tornar a Bíblia útil em nossa busca por Deus e crescimento espiritual?

Recentemente tenho enfatizado duas passagens das Escrituras para ajudar meus alunos a compreender uma verdade fundamental, ou seja, a de que a Bíblia não se aplica automaticamente a nossa vida.

A primeira passagem é Isaías 55:8 e 9: “Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos, diz o Senhor, porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos, mais altos do que os vossos pensamentos.”²³

Em outras palavras, embora a Bíblia nos aponte Deus, ela não nos dá o próprio Deus. Ellen White sugere a mesma coisa quando declara: “Unicamente Deus e o Céu são infalíveis.”²⁴

E aqui, sob a autoridade de Ellen White, deixe-me usar de ousadia e dizer que tudo na Bíblia aponta para Deus, mesmo quando não parece ser Deus se dirigindo a nós. E este último ponto é crucial, pois, devido a minha natureza conservadora, eu nunca teria sido corajoso o suficiente para afirmar isso baseado em minha própria opinião. Mas a visão de Ellen White sobre

a Bíblia lhe permitiu dizer, sem diminuir em nada a autoridade das Escrituras: “A Bíblia foi escrita por homens inspirados, mas não é a maneira de pensar e exprimir-se de Deus. Esta é da humanidade. Deus, como escritor, não se acha representado. Os homens dirão muitas vezes que tal expressão não é própria de Deus [...] Os escritores da Bíblia foram os instrumentos de Deus, não Sua pena. Olhai os diversos escritores. Não são as palavras da Bíblia que são inspiradas, mas os homens é que o foram. A inspiração não atua nas palavras do homem ou em

ser vista como um livro de exemplos, um tesouro que nos permite resolver o problema das “contradições” em suas páginas. Uma vez que reconhecemos que Deus está falando com diferentes pessoas em diferentes épocas e lugares e sob diferentes circunstâncias, a verdade começará a esclarecer que as contradições, apesar de serem irritantes por testar nossa fé, são absolutamente essenciais para o testemunho eficaz. Elas nos ajudam a trabalhar com todos os tipos de povos em todos os tipos de situações. Aqui, o “exemplo” de Paulo brilha: “Fiz-me tudo para com todos,



Em poucos dos meus alunos vindos de lares adventistas já leram algum livro de Ellen White, isso sem falar de um estudo cuidadoso sobre o que ela escreveu. Mas eles foram informados muitas e muitas vezes sobre o que ela condena.

suas expressões, mas no próprio homem, que, sob a influência do Espírito Santo, é possuído de pensamentos. As palavras, porém, recebem o cunho da mente individual.”²⁵

E isso aponta para uma segunda passagem: 1 Coríntios 10:11. Na versão ARA está escrito: “Estas coisas lhes sobrevieram como exemplos e foram escritas para advertência nossa, de nós outros sobre quem o fim dos séculos têm chegado.”²⁶

“Exemplos”, esta é a palavra crucial. No contexto, Paulo está mostrando a história da apostasia de Israel como um “exemplo” a partir do qual os crentes devem aprender. Mas podemos aprender de bons exemplos, e não apenas de maus. Assim, toda a Bíblia pode

com o fim de, por todos os modos, salvar alguns.”²⁷

Isso ajuda a ver a Bíblia como uma compilação de “exemplos” dada por Deus. Um dos melhores lugares para se observar essa compilação em funcionamento é o livro de Provérbios, onde encontramos uma série de ilustrações ou exemplos “contraditórios” que exigem uma escolha guiada pelo Espírito Santo. Provérbios 26:4 e 5 oferece um dos melhores “exemplos” para esclarecer esse ponto para nós. O versículo 4 declara: “Não respondas ao insensato segundo a sua estultícia, para que não te faças semelhante a

ele.” Esse é um bom conselho. Mas, então, o versículo seguinte afirma: “Ao insensato respostas segundo a sua estultícia, para que não seja ele sábio aos seus próprios olhos.” Também um bom conselho, mas exatamente oposto. Ao vermos esses provérbios lado a lado, deveríamos nos colocar de joelhos para considerar em espírito de oração quando é hora de falar e quando é hora de calar.

No capítulo intitulado “Tato”, do livro *Obreiros evangélicos*, algumas palavras marcantes de Ellen White enfatizam poderosamente esse princípio aplicando-o aos ministros. Ela os exorta a “estudar a fim de ser hábil, onde não há regras para fazer face à situação”.²⁸

Descobrir a natureza “ilustrativa” das Escrituras tem transformado minha vida devocional. Em vez de ver o estudo da Bíblia e a oração como exigências externas divinamente ordenadas para manter Deus feliz, sou levado a buscar o conselho de Deus nas Escrituras e na oração para que eu possa saber como viver a minha vida em contato com outras pessoas. E isso não é uma simples petição em busca de respostas. É algo muito mais próximo do “orar sem cessar”.²⁹ A “oração purificadora” descreve esse processo mais detalhadamente ao identificar sua finalidade.

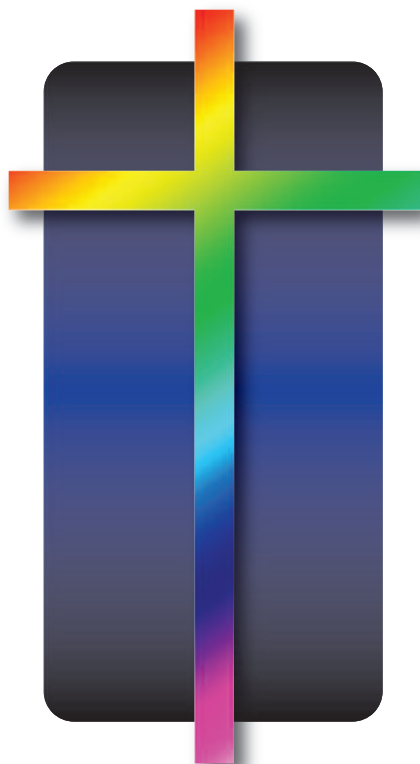
Necessito urgentemente da “oração purificadora” porque, quando reconheço que a Escritura fornece “exemplos” ou “ilustrações”, sou confrontado com a realidade de que devo fazer escolhas. E minha mente, minha razão é a única parte de mim que pode fazer tais escolhas. Só a minha razão pode me dizer quais “exemplos” usar ao escrever este artigo. Mesmo que eu tivesse uma revelação por meio de uma visão, ainda assim teria de usar minha razão para verificar se a “visão” teria vindo de Deus, do diabo, ou de comer muitos picles tarde da noite.

Mas minha razão, embora essencial no processo, é notoriamente pouco confiável; ela foi torcida e distorcida pelo pecado. Assim, com oração incessante devo constantemente me lembrar de que estou fazendo o trabalho de Deus, não o meu próprio. Dessa

forma eu me torno mais propenso a refletir Sua vontade e Seu caminho. Por que apenas “propenso”? Porque sou um ser humano falho, necessito de toda a ajuda possível, não apenas de Deus, mas também de todos os seres humanos tementes a Deus. Mesmo assim, sendo humano, ainda posso não recebê-la corretamente.

A esse respeito, fico intrigado com algumas palavras marcantes de Ellen White dirigidas a um irmão que estava inclinado a ser muito rigoroso em seu trato com os outros: “Você precisa educar-se a fim de ter sabedoria para lidar com as mentes. Com alguns você precisa ter compaixão, fazendo uma diferença, enquanto outros você pode salvar com temor, arrebatando-os do fogo. Nosso Pai celestial frequentemente nos deixa na incerteza quanto a nossos esforços.”³⁰

Em nosso trabalho para o Senhor, precisamos descobrir alguma maneira de ser confiantes, mas devemos também permitir uma incerteza suficiente para que outros nos deem conselhos sábios.



2. Ellen White

Um autor adventista bem conhecido e prolífico me disse que seus livros sobre Ellen White vendem mais que seus livros sobre a Bíblia, na proporção de dez para um. Mas, paralelamente ao alto nível de interesse por Ellen White, desenvolve-se uma grande angústia sobre o papel que ela foi forçada a desempenhar no adventismo. A pesquisa do jornal *The Collegian*, já mencionada, indicou que apenas 22% dos estudantes pesquisados concediam a ela algum tipo de autoridade. Não estamos falando de uma autoridade absoluta e definitiva, mas de *qualquer* autoridade. Como isso veio a acontecer?

A meu ver, um fator-chave para isso é a tendência generalizada de impor Ellen White como autoridade final sobre todos os assuntos possíveis. E, porque não fizemos nosso dever de casa de estudar a Bíblia, a mesma irregularidade que afeta nosso estudo da Bíblia é grandemente amplificada quando lemos Ellen White. Bem poucos dos meus alunos vindos de lares adventistas já leram algum livro de Ellen White, isso sem falar de um estudo cuidadoso sobre o que ela escreveu. Mas eles foram informados muitas e muitas vezes sobre o que ela condena.

Há esperança? Claro. Três sugestões:

A primeira é que devemos vê-la como uma autoridade ilustrativa, como argumentei acima sobre a Bíblia. Nem tudo o que Ellen White escreveu aplica-se a todas as pessoas em todos os momentos. Isso é especialmente evidente nos primeiros volumes de *Testemunhos para a igreja*. Sob o título de “Temperança cristã”, por exemplo, um enérgico sermão em 1869 sobre a reforma da saúde na igreja de Battle Creek chama a atenção dos santos. Aqui está uma das frases mais vívidas: “Posso selecionar linhagem após linhagem nessa casa”, ela exclamou, “onde cada filho é tão corrupto como o próprio inferno.”³¹

Mas o depoimento seguinte, no volume 2, é intitulado “Extremos na re-

forma da saúde”. Aqui, ela está se dirigindo a um homem de um comportamento doentio que estava praticamente levando sua esposa grávida à morte. O conselho liberal da Sra. White é surpreendente, até mesmo chocante. A mulher deveria ter “uma quantidade moderada de leite e açúcar” e “pão branco levedado para variar. [...] Em alguns casos, mesmo uma pequena quantidade da carne menos prejudicial causaria menor mal do que sofrer forte desejo por ela.”³² Qualquer um desses conselhos “extremos” poderia não ser saudável se os aplicássemos como absolutos.

Portanto, podemos ver os escritos de Ellen White como totalmente inspiados, mas não universalmente aplicáveis. Eles estão cheios de exemplos que ilustram como Deus lidou com diferentes pessoas em diferentes épocas e lugares, mas eles precisam ser aplicados com oração, usando-se o bom senso.

Certa vez, Ellen White escreveu: “Palavras e atos arbitrários suscitam as piores paixões do coração humano.”³³ Estou convencido de que o uso muitas vezes arbitrário de seus escritos tem contribuído para aumentar a antipatia em relação a ela conforme tenho visto em meus alunos. Isso precisa mudar.

Minha segunda sugestão é ler a autobiografia de Ellen White como encontrada no primeiro volume do livro *Testemunhos para a igreja*.³⁴ Essa autobiografia abrange sua vida somente até a morte de seu marido, Tiago, em 1881. Mas é uma apresentação poderosa da “verdadeira” Ellen White, aquela que chegou muitas vezes às profundezas do desespero. “Muitas vezes”, ela declarou, “tive o desejo de nunca ter nascido.”³⁵ “Eu desejava a morte como livramento das responsabilidades que sobre mim convergiam.”³⁶

Mas, apesar de toda a dor, ela permaneceu fiel ao seu Deus. Normalmente, as informações publicadas sobre a vida de Ellen White não têm mencionado sua dor. O quadro foi “retocado”. Mas conhecer a verdadeira

Ellen White sempre impressiona meus alunos. E as pérolas em seus escritos tornam-se ainda mais brilhantes em contraste com esse retrospecto de melancolia. Há poucos meses, um dos meus alunos escreveu estes comentários em resposta a um conjunto de trabalhos que envolviam Ellen White: “Quase chega a me incomodar como você coletou essas citações poderosas, perspicazes e equilibradas de Ellen White. Estou sempre me perguntando por que ninguém mais parece notar essas coisas. Uma citação especial apareceu neste mesmo trabalho, quando ela explica com o que devemos concordar: os dois grandes mandamentos. Nunca, até meu ingresso nesta universidade, eu havia lido ou ouvido sobre uma Ellen White ajudadora.”

Minha terceira sugestão é simples: leia o que Ellen White escreveu, especialmente seus cinco livros que se concentram em Jesus: *Caminho a Cristo* (1892), *O maior discurso de Cristo* (1896), *O Desejado de todas as nações* (1898), *Parábolas de Jesus* (1900) e *A ciência do bom viver* (1905). Um número de meus alunos também tem achado muito útil o livro *Messiah* (O Messias), uma adaptação contemporânea de Jerry Thomas de *O Desejado de todas as nações*.³⁷ *Blessings* (Bênçãos) é a sua adaptação mais recente de *O maior discurso de Cristo*.³⁸ E o livro *Educação* (1903) é outra joia.

Quero relatar aqui a experiência impressionante de um colega que estava dando aulas sobre crenças cristãs para o segundo ano da universidade. Ele pediu que seus alunos lessem um de dois livros: conservadores devotos e que poderiam suspeitar de C. S. Lewis deveriam ler *Cristianismo puro e simples*; aqueles com sentimentos hostis para com Ellen White deveriam ler *Caminho a Cristo*. Independentemente do livro que escolhessem, em uma resposta escrita deveriam identificar a melhor parte do livro e o que deixariam de fora se tivessem que resumilo. A maioria dos 50 alunos escolheu *Caminho a Cristo*. Ao longo do caminho, meu colega relatou, eles ficaram profundamente comovidos. Sem exceção, identificaram o capítulo “O que fazer com a dúvida” como o mais be-

néfico. “Essa leitura deveria ser ‘exigida’ de todo adventista”, disseram. Além disso, eles não encontraram qualquer coisa que pudesse ser suprimida.

Não devemos esperar um testemunho maravilhoso como esse em todos os casos. Mas realmente acredito que podemos recuperar nossa herança e que nossos alunos podem descobrir as grandes bênçãos a serem obtidas da leitura de Ellen White.

3. A cruz

Como símbolo mais visível da obra de Jesus em nosso favor, a cruz continua a exercer uma influência poderosa. A doutrina da expiação, no entanto, que procura interpretar o significado da cruz, tem dividido muitas opiniões ao longo da história cristã. Mas, se pudermos compreender a ideia da diversidade nas Escrituras, as várias interpretações podem ser combinadas para ajudar a nutrir o crescimento espiritual.

Serei breve aqui, de forma provocadora, porque o tema é enorme. Mas quero capturar a essência da questão, pois ela desempenha um papel crucial na experiência religiosa pessoal e na vida mais ampla do corpo eclesial.

O que aconteceu na cruz? E como esse evento deve ser entendido e aplicado na vida do crente? Todos concordam que Cristo morreu por nossos pecados. Esse não é o problema. A grande divisão surge sobre o fato de a cruz ou apontar para o Céu, como um sacrifício satisfazendo a corte celestial (expiação objetiva), ou apontar para a Terra, como um dispositivo de ensino que mostra o amor abnegado de Deus por Seus filhos (expiação subjetiva). Ambas as posições são totalmente bíblicas, embora não sejam igualmente difundidas ao longo do Novo Testamento. A expiação objetiva, em que Jesus nos apresenta ao Pai, é o foco dominante de Romanos e Gálatas. A expiação subjetiva, com Jesus apresentando o Pai a nós, é o foco principal de

João 14-17. Isso está muito simplificado, certamente, mas fornece uma visão geral útil. Perceba que usei linguagem neutra e descritiva, em vez dos rótulos preferidos por partidários mais combativos: “expição objetiva” em vez de “substitutiva penal” e “expição subjetiva” em vez de “influência moral”.

O problema é que alguns são atraídos de forma tão intensa para a visão objetiva que mesmo uma pequena dica da visão subjetiva pode quase aterrorizá-los. E o inverso também é verdadeiro. Alguns são tão atraídos pela visão subjetiva que acham a ideia de uma expição objetiva preocupante.

Em minhas aulas, a apresentação de ambas as perspectivas tem sido benéfica para muitos alunos, especialmente quando eles compreendem que nem todo mundo vai achar ambas as visões igualmente úteis. Só porque alguns crentes acham que uma parte das Escrituras é especialmente preciosa, não há motivo para negar aos outros o direito de considerar mais preciosas outras partes. Na Bíblia, todos podemos encontrar o que precisamos para nos aproximar de Deus. Mas não temos de ler as mesmas passagens ao mesmo tempo ou com a mesma intensidade. Precisamos de ambas as abordagens das Escrituras, e não de uma ou outra. E não temos de homogeneizar por completo nossa Bíblia como leite. A Bíblia é muito mais rica e muito mais variada que isso.

A morte de Jesus em nosso favor é um poderoso estímulo para o crescimento espiritual. Pela graça de Deus, nós e nossos alunos seremos capazes de encontrar uma visão equilibrada da cruz que nos permita ser mais fervorosos em nosso amor a Deus e mais graciosos para com nossos irmãos crentes.

Resumo

Três objetivos: encontrar uma profunda relação com Deus, com as pessoas e com a comunidade; e três caminhos que nos ajudam a atingir essas metas: a Bíblia, os escritos de Ellen White e a cruz de Cristo. Os objetivos

são os mesmos para todos nós, embora a intensidade de cada um possa variar de pessoa para pessoa. A maior diferença, contudo, será em nosso uso e entendimento dos meios para atingir esses objetivos. Alguns alunos não conseguem ou não estão dispostos a ler extensivamente. Isso certamente afetará seu uso da Bíblia e dos escritos de Ellen White. Mas mesmo aqueles que leem irão gravitar em diferentes passagens, em diferentes ênfases.

Talvez a lição mais importante seja a forma como nos relacionamos com a morte de Jesus em nosso favor. Aqui, a diversidade de perspectivas no Novo Testamento deve corresponder à diversidade dos filhos de Deus em nosso mundo. Nossos objetivos são os mesmos, mas a maneira como os alcançamos muitas vezes diferem drasticamente. Se a igreja puder entender essa diversidade, ela será a casa de todos nós. ✍



Alden Thompson é professor de Estudos sobre a Bíblia na Faculdade de Teologia da Universidade Walla Walla, em College Place, Washington, desde 1970. Seu doutorado na Universidade de Edimburgo (1974) foi em Estudos Bíblicos e Judaicos. Ele é autor de inúmeros livros e artigos.

NOTAS E REFERÊNCIAS

¹ WHITE, Ellen G. *Caminho a Cristo*, p. 51. Disponível em: <<https://egwwritings.org>>. Acesso em: 7 set. 2014.

² LEWIS, C. S. *Cartas do diabo ao seu aprendiz*. Petrópolis: Vozes, 1994.

³ Textos bíblicos creditados à ARA são da versão Almeida Revista e Atualizada. Usada com permissão.

⁴ Mateus 6:8-13.

⁵ Filipenses 4:6, ARA.

⁶ Filipenses 4:4, ARA.

⁷ Salmo 22:1.

⁸ WHITE, Ellen G. *O grande conflito*, p. VI.

Disponível em: <<https://egwwritings.org>>.

Acesso em: 7 set. 2014.

⁹ Salmo 88:15-18.

¹⁰ Mateus 12:20.

¹¹ WHITE, Ellen G. *A ciência do bom viver*, p. 483. Disponível em: <<https://egwwritings.org>>. Acesso em: 7 set. 2014. A segunda frase foi ligeiramente modificada. No original lê-se: “Não existem dois cuja experiência é semelhante em todos os detalhes.”

¹² Mateus 7:12.

¹³ Gálatas 5:14.

¹⁴ WHITE, Ellen G. *O Desejado de todas as nações*, p. 637. Disponível em: <<https://egwwritings.org>>. Acesso em: 7 set. 2014.

¹⁵ Romanos 12:5. A ideia do “corpo” imaginário é bem desenvolvida em 1 Coríntios 12 e em Efésios 4:1-16.

¹⁶ 1 Coríntios 3:16, 17.

¹⁷ FITCH, Robert E. Is America Ready for a ‘Great Society’? *U.S. News and World Report*, v. LVIII, n. 10, p. 54, 8 mar. 1965 *apud* TRUEBLOOD, Elton. *The Incendiary Fellowship*. New York: Harper & Row, 1967. p. 22, 23.

¹⁸ METAXAS, Eric. *Amazing Grace: William Wilberforce and the Heroic Campaign to End Slavery*. New York: HarperCollins, 2007. p. xvi.

¹⁹ *Ibid.*, p. XVII.

²⁰ Trueblood, *The Incendiary Fellowship*, *op. cit.*, p. 31.

²¹ *The Collegian*, v. 94, n. 25, 13 maio 2010.

²² WHITE, Ellen G. *Mensagens escolhidas*. Livro 1, p. 20 [Ms. 24, 1886]. Disponível em: <<https://egwwritings.org>>. Acesso em: 7 set. 2014.

²³ ARA.

²⁴ White, *Mensagens escolhidas*, *op. cit.*, Livro 1, p. 37.

²⁵ *Ibid.*, p. 21 [Ms. 24 de 1886].

²⁶ 1 Coríntios 10:11.

²⁷ 1 Coríntios 9:22.

²⁸ WHITE, Ellen G. *Obreiros evangélicos*. 5. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007. p. 119. Ver p. 117-120 para a seção completa sobre o “Tato” (Tactfulness).

²⁹ 1 Tessalonicenses 5:17.

³⁰ WHITE, Ellen G. *Testemunhos para a igreja*. v. 3, p. 420 [1875]. Disponível em: <<https://egwwritings.org>>. Acesso em: 7 set. 2014.

³¹ *Ibid.*, v. 2, p. 360 [1870].

³² *Ibid.*, p. 384.

³³ *Ibid.*, v. 6, p. 134 [1901].

³⁴ *Ibid.*, v. 9, p. 112. Escrito em 1885, quatro anos após a morte de Tiago White.

³⁵ *Ibid.*, v. 1, p. 25.

³⁶ *Ibid.*, p. 63.

³⁷ THOMAS, Jerry D. *Messiah*. Nampa: Pacific Press, 2003.

³⁸ _____. *Blessings*. Nampa: Pacific Press, 2008.